

Debate sobre a formalização do discurso e a clínica psicanalítica.¹

Debate on the formalization of discourse and the psychoanalytic clinic.

ALFREDO EIDELSZTEIN

Editado por Haydée Montesano

RESUMO:

Diante do evidente rechaço, por parte dos seguidores de Lacan, à formalização na psicanálise proposta por ele e considerando o desuso da topologia como exemplo disso, considero necessário propor uma mudança fundamental num conjunto de ideias, conceitos e teorias que precisam ser repostas para que a topologia ocupe seu devido lugar na psicanálise. Rever, inclusive, concepções que são consideradas de Lacan e como tal são difundidas: é preciso modificar a maneira pela qual a psicanálise é conhecida na sociedade, como é referida, citada, como é criticada e usada. Proponho um conjunto mínimo de ideias que dizem respeito a: o tempo, o espaço, a energia e a substância. Estas quatro substituições, que são as mínimas para começar, produzem uma concepção diferente do real.

PALAVRAS-CHAVE: Formalização - Topologia - Psicanálise - Real - Ciência

ABSTRACT:

Facing the evident rejection of Lacan's proposal on formalization in psychoanalysis by his followers and, taking topology as an example, it would be necessary to propose a fundamental change in the set of ideas, concepts, and theories that must be replaced so that topology has a justified place in psychoanalysis. Even more, those that are considered Lacan's conceptions, as they are spread, it is necessary to modify that which configures the psychoanalysis known in society, as it is referred to, cited, as it is criticized and the way it is used. I propose a minimum set of ideas about: time, space, energy, substance. These four substitutions, which are the minimum to start, produce a different conception of the real

KEY WORDS: Formalization - Topology - Psychoanalysis - Real - Science

¹ Este artigo foi baseado na transcrição do discurso proferido por Alfredo Eidelsztein durante atividade convocada por membros da APOLa residentes na cidade de Barcelona, coordenado por Ana María Flores. Embora a ideia original fosse a realização de um encontro presencial, devido à pandemia decidiu-se por um debate por videoconferência entre Alfredo Eidelsztein e Carlos Bermejo Mozas, com coordenação de Ana María Flores. O link para ver a atividade completa é: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmJS7vAOURs&t=16s>.

Conduzirei minha apresentação a partir de uma perspectiva diferente daquela apresentada por Carlos Bermejo Mozas, mas antes destacando que ele é – pelo menos esta é minha apreciação de seu trabalho – um dos poucos conhecedores da topologia de Lacan. O que quero propor acerca de “Para que a topologia pode nos servir?” é, em primeira instância, a outra face da moeda do que Carlos propôs.

O problema é este: Lacan introduz, numa visada indiscutivelmente sua, a relação entre a topologia e a psicanálise em 1953, com avanços quantitativos e qualitativos importantíssimos em 62, e em 72, e continua desenvolvendo esta articulação até seu falecimento.

Note-se que é de Kurt Lewin que Lacan adota a possibilidade de associar a topologia com os campos de estudo dos problemas do sujeito, e não da obra de Freud nem de sua prática analítica. E o problema que quero destacar – diferentemente do que Carlos destacou – é que, dentre os seguidores do seminário de Lacan e dos membros de sua ex-escola e da nova, menos de 1% continuou com o trabalho sobre a topologia, após o seu falecimento. Esta proporção continua a mesma até hoje e, embora haja muitos psicanalistas se apresentando como lacanianos ou freudolacanianos, os estudos sistemáticos e as práticas sistemáticas que associam topologia e psicanálise continuam sendo menos de 1%. Lacan, entretanto, se dedicou a este tema com uma determinação muito evidente e esta é a incongruência que quero ressaltar.

Venho estudando esse tema há muitos anos. No começo, pensava que havia um "abandono" da topologia. Agora, penso-o como uma "rejeição" por parte dos seguidores de Lacan – e não haveria problema algum se não fossem seguidores de Lacan, seria outra orientação na psicanálise. Mas a rejeição, justamente pelos seguidores de Lacan, daquilo que foi um dos trilhos fundamentais dele na formalização da psicanálise que propôs, é algo que chama atenção. Costumo usar a topologia como exemplo porque, sendo representada com gráficos, torna tudo mais evidente: se alguém folhear as páginas dos seminários e escritos de Lacan, estas estarão repletas de gráficos de questões topológicas; mas se fizer o mesmo com autores lacanianos, verificará que não. Haverá, talvez, algum emblema, o brasão de armas da cadeia borromeana, mas não passará disso.

Então reflito há muitos anos sobre esse problema e uma forma de pensá-lo, ao menos, se não de respondê-lo. Penso que a topologia, no ensino de Lacan, é apenas um dos elementos que fazem parte de uma articulação mais ampla e, se não fazemos a reposição de toda esta cadeia conceitual em lugar daquela na qual se baseia a psicanálise que rejeita a topologia, esta (a topologia) é tomada por desnecessária. Ou até mesmo como um obstáculo, por quem a percebe como extemporânea, visto que implica num trabalho enorme.

Portanto, considero necessário propor uma mudança fundamental num conjunto de ideias, conceitos e teorias que precisam ser repostas para que a topologia ocupe seu devido lugar na psicanálise. Rever, inclusive, concepções que são consideradas de Lacan e como tal são difundidas: é preciso modificar a maneira pela qual a psicanálise é conhecida na sociedade, como é referida, citada, como é criticada e usada.

Proponho um conjunto mínimo de ideias que dizem respeito a:

- 1- *O tempo*: é necessário substituir a flecha do tempo – que parte do passado para o presente e se direciona ao futuro – por um tempo circular, o que Lacan chamou de futuro anterior.
- 2- *O espaço*: é necessário substituir o espaço tridimensional, de acordo com as concepções da geometria euclidiana nas quais somos formados, por um espaço bidimensional topológico.
- 3- *A energia*, tida como montante ou quantidade, deve ser substituída por algo como uma cifra, tal qual Lacan sugere adotar da proposta de Richard Feynman – um cânone da Física.
- 4- *A substância*: substituir nossa concepção de substância tangível e divisível pela insubstância, como Lacan a chama, da materialidade das letras.

Essas quatro substituições, que são as mínimas necessárias para começar, produzem uma concepção diferente do real. Se não substituirmos estas quatro concepções, ficamos com o cânone psicanalítico que defende que o real é o que é experimentado com o corpo anatômico e, especialmente, o que se experimenta de modo penoso. Entretanto, considero ser fundamental pensar o real como um impossível lógico-matemático.

Creio que o devido contraponto a essa concepção do real como vivência fenomenológica da dor da insatisfação ainda não está estabelecido. É preciso opor-lhe uma outra: um real da índole do impossível lógico-matemático.

Nos últimos anos, já no decorrer deste século, no mundo da psicanálise lacaniana ou não lacaniana, a vivência fenomenológica desprazerosa, dolorosa, é chamada de acidente; então as duas versões do real seriam: o real como impossível lógico-matemático e o real como acidente, entendido como aquilo com o que alguém se depara dolorosamente.

No ensino de Lacan há uma série de referências² nas quais ele estabelece o real em termos de um impossível lógico-matemático. Não encontraremos este critério em Freud, Melanie Klein,

2 Referências de Lacan para o real como impossível:

Seminário 9: aula 21-3-1962

Seminário 17: aula 8-3 y 9-4 de 1970

Seminário 19: aula 9-2-1972

Seminário 22: aula 13-5-1975

Winicott, tampouco nas produções de Jacques-Alain Miller ou Colette Soler. É por isso que reinam na psicanálise, especialmente na lacaniana e na freudolacaniana, as metáforas do real como pedra no sapato ou osso do real: porque se trabalha com uma ideia de energia, que faz concluir que o real é algo com o que alguém pode se bater; algo como um osso, por exemplo. E me parece que, em Lacan, há uma ideia muito diversa (e precisa) do real. Quero confrontar esses dois modelos.

Os que estão escutando – talvez nem tanto aqueles da APOLa, porque já os aturdi com essas questões, mas os que não estejam tão familiarizados com os desdobramentos delas – devem estar pensando que Lacan defende que a psicanálise não é ciência, que é uma prática e, assim sendo, por que teríamos que utilizar modelos de tempo, espaço, substância, massa, energia, tais como a equação de energia e massa que Einstein propõe, o seu espaço-tempo ou a função de onda de Schrödinger? Quero lembrá-los de que Lacan disse apenas uma vez, categoricamente, que "a psicanálise não é ciência, mas sim uma prática": foi em Massachusetts, no ano de 1975, diante de Quine, que estava presente no público. Depois, disse mais duas ou três vezes que ela "não é ciência se tem que ser irrefutável", ou que não é ciência se tem que ser exata – isso foi dito na *Apertura de la sección clínica* e em Bruxelas. Entretanto, Lacan disse vinte e oito vezes, entre 1953 e 1975, que sim, psicanálise é ciência. Em outras dezesseis oportunidades, entre 1953 e 1971, disse que deveria ser considerada ciência. Lacan concebe, inclusive – obviamente com base na epistemologia – o desenvolvimento das ciências conjecturais, de modo a outorgar um lugar à psicanálise, e eu encontrei pelo menos outras oito ocasiões em que tratou disso, entre 1958 e 1970. Por conseguinte, se somamos as vezes em que disse “sim, é ciência”, que deveria ser ciência, ou que está inscrita como ciência dentro do campo das ciências conjecturais, temos cinquenta e duas ocasiões nas quais Lacan se posicionou positivamente e apenas uma em sentido contrário. Portanto, é necessário abordar o problema a partir daí, senão as formalizações não possuem lugar algum. Se a psicanálise for rejeitada enquanto ciência e logo de partida considerada uma prática que se obtém da experiência, de que serviria nos dedicarmos ao complexo estudo das formalizações?

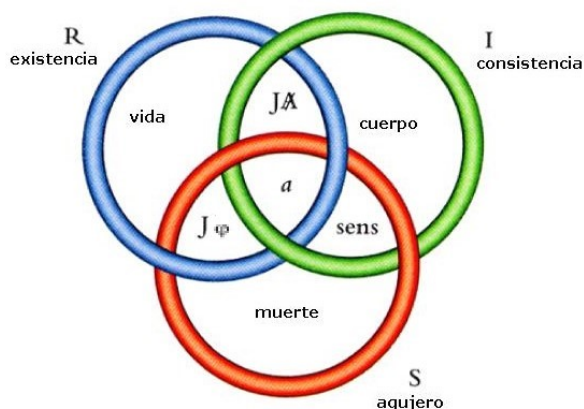
Minha impressão é a de que essa questão ficou condicionada ao fracasso de Freud em fundamentar a psicanálise, na biologia. Ele fracassou nisso, a meu ver, totalmente; apesar de existirem autores, como Eric Candell, que se apoiam nessa fundamentação, que defendem que ele

Seminário 23: aulas 9-12-1975 e 16-3-1976
Radiofonia: Respostas II e IV
O aturdito.

não fracassou de maneira alguma e que seria necessário continuar por esse caminho. Toda a obra – importantíssima – de Candell propõe justamente retomar o inconsciente de Freud e o Isso a partir das neurociências e ele realizou um caminho muito próspero. Muitos psicanalistas continuam partindo deste ponto, tentam fundamentar a psicanálise em uma biologia – e nesse sentido, acredito, ela fracassa. Como Freud fracassou nessa tentativa, dizem que a psicanálise não é uma ciência.

Minha impressão é a de que assim se perde toda uma possibilidade que Lacan oferece: a de tentar apoiar a psicanálise na física teórica e na matemática pura, sem que isto suponha fazê-la equivaler a elas. A psicanálise não é nem física teórica nem matemática pura, mas, apoiando-se nesses discursos, é possível defender um real de estatuto lógico-matemático.

CADEIA BORROMEANA



A cadeia borromeana – muito conhecida – permite destacar o que Lacan propõe com esta escritura: o imaginário como consistência, o real como ex-sistência e o simbólico como furo. Queria abordar, justamente, o real como ex-sistência, porque o critério do choque entre duas substâncias tridimensionais (por exemplo, minha cabeça contra o batente de uma porta) pode ser entendido como o golpe, o acidente, o que costuma ser proposto como "encontro com o real". Mas Lacan propõe o real como ex-sistência, o que é algo muito diferente.

Quero apresentar uma versão sobre esta concepção da ex-sistência e por que o real impossível lógico-matemático poderia ser proposto como ex-sistência. Vamos partir de cinco citações.

A primeira, de Kasner e Newman, em *Matemáticas e imaginación*. Trata-se de um texto que Lacan nunca cita, mas na coletiva de imprensa que dá em Roma, em 1974, parece citar quase literalmente, quando critica Comte. Esta conferência foi publicada por Miller como *El triunfo de la religión*, um título inventado por Miller. Essa atividade foi uma coletiva de imprensa com jornalistas italianos.

Kasner e Newman, apresentando Cantor, dizem:

Nestes termos mais simples, esta controvérsia, no momento em que se refere ao infinito, centraliza-se em torno da pergunta: existe infinito? Existe alguma coisa como um conjunto que seja infinito? Uma pergunta deste tipo pode ter pouco significado, a menos que se explique, antes, o termo matemático *existência*. [...] *Existência*, na acepção matemática, é completamente diferente da existência de objetos no mundo físico.³

Agora, passo a uma citação de Koyré, em *Estudios de historia del pensamiento científico*. Na página 195, fala do nascimento da ciência moderna, de Galileu e Copérnico, e diz:

Curiosa caminhada do pensamento [...] trata-se, propriamente falando, de explicar o que *é* a partir do que *não é*, do que não é nunca. E, inclusive, a partir do que *não pode nunca ser*. Explicação do real a partir do impossível.⁴

Com isso já temos uma base de existência matemática e uma base para começar a pensar o real como impossível, nos termos da Física.

Passo a Kasner e Newman:

As proposições sobre a impossibilidade, na matemática, são de um caráter completamente diferente. Na matemática, um problema que não pode ser resolvido nos séculos vindouros não é sempre impossível. *Impossível*, na

3 Kasner, E. y Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. Argentina: Hyspamérica. p.70 (Tradução nossa)

4 Koyre, A. (1987) *Estudios de historia del pensamiento científico*. España: Siglo XXI. p.195 (Tradução nossa)

matemática, significa *teoricamente* impossível e não tem nada a ver com o estado atual de nossos conhecimentos. *Impossível*, na matemática, *caracteriza* a tentativa de demonstrar que 7 vezes 6 são 43.⁵

Caso estejam cansados, 7 vezes 6 são 42, logo é impossível demonstrar que 7 vezes 6 são 43. Mais modernamente, agora, vou a um livro do ano de 2004, de Roger Penrose, *El camino a la realidad*. Ele diz:

É melhor pensar em $3/8$ como uma entidade com um tipo de existência (platônica) própria. [...] uma noção tal qual $3/8$ como algo que tem seu próprio tipo de existência [...] Para os matemáticos [...] a matemática não é apenas uma atividade cultural que nós mesmos criamos, mas tem vida própria, e boa parte dela está em surpreendente harmonia com o universo físico. Não podemos ter uma compreensão profunda das leis que regem o mundo físico sem entrar no mundo da matemática.⁶

Continuo com o mesmo livro de Roger Penrose. Neste caso, na página 54, ele diz:

Embora seja preciso atribuir algum tipo de *existência* ao próprio modelo, então, dita existência está localizada dentro do mundo platônico das formas matemáticas. [...] Entendo essa *existência* apenas como a objetividade da verdade matemática.⁷

Ainda mais modernamente, uma citação de 2012, do livro de Max Tegmark, *Nuestro universo matemático*:

Todas as partículas elementares são descritas mediante sua própria série de números quânticos [...] Então, de que estão feitos os números quânticos, como

5 Op. Cit. Kasner, E. e Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. (Tradução nossa)

6 Penrose, R. (2014) *El camino a la realidad*. España: Debate. p.26 (Tradução nossa)

7 Idem. p.54

a energia e a carga? De nada: não passam de números! [...] as partículas elementares são descritas em sua totalidade mediante seus números quânticos.⁸

Entendem para onde vou? Não na direção de equiparar a psicanálise com a matemática – e não sei por que teria de fazê-lo, apesar de uma íntima comunhão. Tampouco seria necessário equiparar a matemática com a lógica, embora não haja possibilidade, no século XXI, de pensar uma fundamentação da matemática que não seja lógica. Nem sequer equiparar a matemática e a lógica com a física teórica. Não são a mesma coisa, mas talvez Lacan, quando propõe o real como ex-sistência, não está se referindo ao real do choque entre duas substâncias tridimensionais: se fosse assim, a topologia seria desnecessária, todas as formalizações seriam desnecessárias, e me dá a impressão de que, no mundo psicanalítico, neste século XXI, há o consenso de que as formalizações de Lacan não são necessárias. De fato, nem Eric Laurent, nem J-A. Miller, nem Colette Soler, nem nenhum dos grandes mestres da psicanálise moderna, discípulos diretos, analisantes e supervisionados por Lacan, utilizam as formalizações de Lacan, elas já desapareceram. Parece que o problema é como concebemos o real: se o real é um osso, uma pedra, o osso do real ou uma pedra no sapato, então, as formalizações de Lacan foram seu gosto pessoal – como diz o psicanalista argentino Juan Bautista Ritvo –, uma transferência de Lacan com a matemática.

Para concluir, trago uma citação de Lacan, da coletiva de imprensa de Roma, de 1974, no Centro Cultural Francês, que já mencionei, e foi publicada por Miller como o *Triunfo de la religión*. Todos os títulos oriundos dessa coletiva também foram criados por Miller, muito caprichosamente, a meu ver. Está na página 92:

Mas o real real, se posso dizer assim, o verdadeiro real, é esse que podemos acessar por um caminho completamente preciso que é o caminho científico, o caminho das pequenas equações.⁹

8 Tegmark, M. (2014). *Nuestro universo matemático*. España: Antoni Bosch. p.185. (Tradução nossa)

9 Lacan, J. (2007). *El triunfo de la religión*. Conferencia de prensa, Roma, 29-10-1974. Buenos Aires: Paidós. p.92. (Tradução nossa)

Diante disso, tenho a impressão de que todas as ressalvas que Carlos Bermejo apresentou com tanta exatidão neste debate, que são indiscutíveis – eu não tenho mais que reconhecer que seus argumentos são irrepreensíveis, perfeitos, pelo menos no meu pouco conhecimento desses temas, dos quais Carlos é muito mais conhecedor do que eu –, constituem uma perspectiva do problema. Uma perspectiva que, se apresentada sozinha, e diante do estado atual em que se encontra a psicanálise, convenceria o público, que não possui os conhecimentos de Carlos Bermejo, de que a psicanálise não é ciência, é outro raciocínio... E eu seguiria tranquilo, fazendo poesia.

Mas me parece que o problema com o qual temos que nos deparar, inexoravelmente, é aquilo que concebemos como real. É certo que o real da física teórica, o real da física de laboratório, o real da matemática pura, o real da matemática aplicada, obviamente, não participa do mesmo contexto que o nosso participa.

Talvez, tampouco, seja possível propor estritamente que o real dessas disciplinas esteja encadeado com uma cadeia de quatro: imaginário, simbólico, real e *sinthome*. Obviamente, haverá ressalvas com relação a isso. Mas o problema crucial para pensar as formalizações na psicanálise que Lacan desenvolveu, e que depois de Lacan praticamente desapareceram do âmbito da psicanálise, é estabelecer o real.

Fora da psicanálise, ninguém conhece a psicanálise como um desenvolvimento tão vasto, apoiada em formalizações; salvo, claro, a obra de Carlos Bermejo Moza, a de Jean-Michel Vappereau e, sejamos sinceros, mais quatro, cinco ou seis pessoas que trabalham com topologia, dos possíveis trinta mil psicanalistas lacanianos ou freudolacanianos.

A mim parece que o problema de pensar as formalizações deve incluir o que entendemos por real, e avalio que há duas acepções. Uma, a do choque da *res extensa*, aquilo que Descartes propôs como a impossibilidade da interpenetração da substância extensa (duas bolas de bilhar se batendo sobre uma mesa), que é o *partes extra partes*, tão citado por Lacan. Essa *versus* a outra: um real impossível lógico-matemático teórico que precisa ser estabelecido. Isto é: em cada caso, tem de se fazer um intenso e sério trabalho –o que é difícilimo– para estabelecer, em cada caso, o que será impossível. Mas eu argumento, seguindo essa vertente de Lacan, que esse impossível participará necessariamente de formalizações lógico-matemáticas, com toda a

insuficiência que elas tenham. Entretanto, se não se argumenta assim, pode-se restar em uma argumentação que não precisa da topologia para nada.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Kasner, E. e Newman, J. (1985) *Matemáticas e Imaginación*. Madri: Hyspamérica
- 2- Kaku, M. (2012) *Física de lo imposible*. Barcelona: Debolsillo.
- 3- Koyre, A. (1985) *Estudios galileanos*. Argentina: Siglo XXI.
- 4- Koyre, A. (1987) *Estudios de historia del pensamiento científico*. Espanha: Siglo XXI.
- 5- Lacan, J. (2007) “Conferencia de prensa, Roma, 29-10-1974” en *Triunfo de la religión*. Buenos Aires: Paidós.
- 6- Penrose, R. (2014) *El camino de la realidad*. Barcelona: Debate.
- 7- Tegmark, M. (2014) *Nuestro universo matemático*. Barcelona: Antoni Bosch.

DR. ALFREDO EIDELSZTEIN

Psicanalista. Presidente da APOLa (Apertura Para Otro Lacan)

Exerceu a docência universitária durante trinta anos.

Autor dos seguintes livros: *Modelos, esquemas y grafos en la enseñanza de Lacan*; *O grafo do desejo*; *La pulsión respiratoria* (em colaboração); *Las estructuras clínicas a partir de Lacan* (Vol. I e II); *La topología en la clínica psicoanalítica*; *El origen del sujeto en psicoanálisis* e *Otro Lacan*.

Vários dos títulos foram traduzidos para o inglês, português e italiano.

Escreveu em torno de 200 artigos, publicados em revistas especializadas em psicanálise.

Ditou cursos de pós-graduação e doutorado em associações científicas e universidades de: Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Costa Rica, Bolívia, Brasil, México e Espanha.